

April 1985

Durante o ataque do centro de Desenvolvimento Rural em Ntemangau, nós tínhamos conhecimento porque tínhamos sido informados. Quando o inimigo apareceu na zona, na aldeia de Nachinanga, o quartel da guarda fronteira mandou um miliciano para vir dar conhecimento no centro. E agora, o quartel veio-nos dizer; nós recebemos estas informações, o inimigo está a avançar em direcção a Ntemangau. Nós ficámos preparados.

MT:

Que Horas é que eram quando vocês receberam a informação em Ntemangau?

E: Eram 16.30 horas

MT: As 16.30 tiveram essa informação em Ntemangau, através de um miliciano de Nachinanga.

E: Sim, e então ficámos quase todos preparados. O comandante Ubissee organizou um grupo de militares. Por volta de trinta militares. Um pelotão, que era para fazer patrulha àquela direcção de Caomba até Chitumbo para ver se os bandos teriam atacado aquela zona. Eles saíram tarde, porque queriam sair de tractor mas não foi possível porque o tractor também não tinha combustível e não tinha luzes. Avançaram a pé e já era um pouco tarde. Chegaram em Caomba e apanharam outras informações: "Aqui na aldeia, damos falta de três pessoas, desde que começámos com esta colheita de mapira, nunca dormiram na machamba, mas desta vez não nos apareceram, não sei o que se passa com eles". Então eles, os militares, começaram a suspeitar, e logo aparece uma criança dizendo: "o papá foi raptado pelos bandos armados". Mais as suas duas mulheres e um velho. Os militares em vez de avançarem, voltaram para o centro. Quando chegaram ao Centro deram esta informação ao Comandante. O Comandante veio ter comigo, com o Castro, o falecido, estando eu também presente.

MT: Que horas é que eram?

E: Eram 23 horas. E disse, recebemos este tipo de informação, o inimigo está aqui. Já raptou mais três pessoas de Caomba. Por esta razão, vamos-nos preparar. Nós de certeza como auto-defesa tomámos as nossas posições lá em baixo, na ~~hora~~. Aquela zona toda de cima é para os militares. Nós não podemos transgredir o princípio do regulamento interno. Nós tomámos as nossas posições e os militares então cercaram a zona deles. E ficámos.

MT: Quantos Militares mais ou menos havia lá em Ntemangau, que estavam a tomar

va de 90 homens.

.../

MT: 90 homens?

E: Sim 90 homens.

MT: Milicianos, do Centro?

E: Bem, nós entramos em secções, então cada secção tem treze homens. Depois nós os treze tomámos as nossas posições. Depois de tomarmos as nossas posições, o Comandante Ubissee disse: "Nenhum carro pode movimentar-se esta noite. Pode ser que mandemos carros para o mato e vão ter onde se encontra o inimigo, pois nós não temos segurança. É bom manter carros aqui. Em caso de o inimigo vir atacar, nós podemos tentar o possível para evacuar os carros. Nós ficámos convencidos daquilo que o Comandante Militar disse. O Responsável, o falecido, foi falar com o motorista das "Calamidades" e informou que não movimentasse carros naquela noite, pois isso poderia causar-nos problemas. E depois vamos responder muito mal. Depois disso nós fomos dormir. Eram quatro horas e quarenta e sete minutos quando apareceu o Caixão com o nosso Landcruiser. O responsável acordou. Chamou-me. "O Caixão já chegou. Tens de te preparar. As 6.00 horas temos de sair daqui. Temos de estar em Tete. Às sete horas." Eu disse que estava bem. Eu então disse, vamos sair às seis horas. E entrei lá para dentro e ficámos ali a conversar com o chefe. Ultimamente, eram quase cinco horas e cinco, o chefe saiu de novo e chamou e sentámos ali na varanda da casa dele. Ele disse o seguinte: "Olhem, eu queria carregar a minha família para Tete porque com esta situação eu não tenho segurança. Eu não posso deixá-la aqui sozinha. Tenho que carregá-la. Eu disse: ainda bem. Não deve deixá-la aqui sozinha, ainda mais é nova aqui em Ntemangau. Está bem. Ela também começou a preparar-se. As cinco horas e dezoito minutos, a minha esposa disse-me "Olha, disparo no quartel. Primeiro tiro. Levantei-me e comecei a calçar os sapatos. Quando acabei de os calçar a minha mulher estava a acabar de pôr a criança ao colo. Eu procurei pelas pastas. Consegui levar o que pude levar. O resto que não consegui deixei. Levei a minha arma e então tive que fazer fugir primeiro a minha esposa. Fugiu até à pequena espécie. Eu voltei para aquela barraca ali em frente da minha casa, chamei: Castro, Castro, Castro. Ele disse, vou já. Eu fui em direcção à carpintaria. Cheguei à carpintaria e vi que o fogo já estava intenso. Um elemento dos bandos disse-me: O Técnico da União está a fugir para onde? Dê-nos óleo também. O outro que estava atrás dele disse: "Vamos concentrar o fogo em casa do Chefe, a casa branca". Eu já não podia esperar, tinha que avançar. Fugiu. Entrei no rio. Cruzei pela pequena espécie e entrei na nossa machamba. Ao chegar à nossa machamba encontrei-me com o Director do Centro, o Técnico marceneiro, Domingos Cumpeu, mais uns três militares daquelas trincheiras de lá da zona dos militares que estavam a responder o fogo. Esses eram quatro pessoas.

.../

E o comandante Domingos mais um sargento da artilharia estavam a responder ao fogo disparando o canhão B10. E então entre esses dois que estavam a disparar o canhão B10, viram que o fogo já estava intenso pois o inimigo só concentrava-se e virava ~~como~~ para donde saísse o fogo. Eles tinham que arrastar o B10 e descer para baixo. Seguiram, esconderam o B10 e recuaram. Eu estava na machamba. Quando o inimigo começou a colocar o explosivo nos carros, eu vi. Levavam o explosivo, abriam o capão, e colocavam o explosivo, levavam capim e acendiam fósforos e aquilo explodia. E assim fizeram com todos os carros. Quando chegaram à casa do falecido, eram quase trinta homens que ^{subiram} cercado aquela casa, a chamarem o nome do chefe: Castro, Castro, Castro, sai para fora queremos falar contigo. O Castro não tinha mais que fazer. Não tinha outro meio. O Castro quando viu que a casa já estava cercada, e o outro já estava para arrombar a porta, trazia uma pedra grande para arrombar a porta, então ele rasgou aquela rede mosquiteira, para poder sair pela janela do quarto. O outro que estava do outro lado então disparou. Ele apanhou nas costelas e saiu do outro lado. e dali caiu para dentro. E então quando caiu para dentro, eles arrombaram a porta e quando entraram ali dentro, levaram um machado, um machado tradicional fabricado mesmo ali, cortaram a parte dos maxilares e então disseram para a mulher que queriam manter relações sexuais com ela, e a mulher recusou-se. E então quando recusou, eles mandaram-na despir toda a roupa. A mulher despiu toda a roupa. Coitada, ela sozinha não podia fazer nada. Mandaram-na correr. Quando a mandaram correr, logo que chegou junto àquelas escadas, então dispararam. Levou daqui, desta parte daqui, e então a bala foi sair do umbigo. Então caiu e já não tinha defesa. Eles não dispararam mais porque pensavam que ela já tinha morrido. Que já não tinha mais vida. Se soubessem que a mulherzinha ainda estava a respirar eles teriam disparado.

Quando eles já estavam a recolher as coisas, já vinha um grupo de milicianos de Capimbi. Esses começaram a disparar ali do nosso curral. Pensavam que era possível que o inimigo viesse em direcção do curral. Tendo a ver com esse problema do gado, isto é roubar o nosso gado. Eles começaram a disparar dali. O inimigo viu que estava a vir uma força e então mandou quase duas bazookas, e então eles responderam, mandando três bazookas. Quando mandaram três bazookas, o que fez o inimigo, subiu e fugiu.

.../

Quando chegou àquela parte do quartel, carregou Minas B10, ^{obuzes de} B10 e puseram no fogo e aquilo não explodiu, levavam outras munições, Obuzes de morteiros punham no fogo e não explodiam. Apenas explodiram dois Obuzes. E assim o inimigo fugiu. Os milicianos como já vinham a disparar subiram e encontraram-se com esse comandante Domingos, o Sargento da artilharia e levaram de novo o B10 e puseram de novo em posição de combate. Começaram a disparar e dispararam quase três obuzes. Quando dispararam, o Inimigo já não tinha tempo e começou a deixar um por um dos artigos que roubara. Deixou uma bicicleta, uma parte dos pratos, roupas e outros artigos que deixavam quando os milicianos estavam a disparar.

A parte dos nossos militares, eu posso dizer que os que dispararam são quatro pessoas. Todos lá não existiam. O Comandante mal que ouviu o primeiro tiro, nada fez senão fugir. O outro Comandante que vinha de Marara, mal que viu que o fogo estava intenso, nem comandar o fogo e nem quis saber onde estavam os soldados, abriu, e um grupinho de treze soldados fugiu com esse Comandante. O Ubisse é que foi pedir socorro mas já era por volta das quinze horas. quando vieram socorrer e então dali levaram o cadáver para aqui (Tete). Nós ficámos, recebemos outro ^{reforço} de Changara, mesmo daqui vieram umas pessoas da Segurança para vir investigar a situação, como foi possível o inimigo entrar no centro, quando nós tínhamos uma segurança suficientemente, tínhamos soldados suficientes para defender o centro. Esta é que foi a história do ataque de Ntemangau.

MT: Só uma pergunta, quando eles fizeram o ataque, eles estavam organizados ou fizeram uma coisa sem plano nenhum? Tinham um comando, ou estavam divididos em grupos? ou dirigiram-se por sítios diferentes?

E: Bem, eu acho que quem ataca uma determinada zona, primeiro faz o seu plano. Planifica. Eles estavam divididos em três grupos. E quem disparou o primeiro tiro foi o Comandante. O Comandante era o coordenador de três grupos. É possível que houvesse sub-chefes dos grupos, mas havia um único Comandante que coordenava a todos. Mas havia um grupo que avançava em direcção aos armazéns junto à casa do Director do Centro. Havia um outro grupo que avançava em direcção ao quartel, ali onde se encontrava a tenda do Comando. E havia outro grupo que avançava para o meio, aquela zona do hospital. E este grupo que avançava no meio foi o mesmo grupo que cercou a casa do falecido. O grupo que vinha em direcção do quartel é que estragou

.../

tudo o que se encontrava no quartel. Portanto o inimigo estava dividido em três grupos e tinha o seu plano. Estava bem organizado.

MT: Como é que foi capturado o presidente da Cooperativa 1.º Congresso?

E: Bem, o presidente da cooperativa Primeiro Congresso encontra-se de momento no centro a prestar treinos militares, para aquela aldeia de Caamba. E quando saiu do Centro, dirigiu-se para casa, e não apanhou as mulheres, estavam todas na machamba. Ao chegar à machamba, só encontrou as crianças, e as crianças também não sabiam que as mães já tinham sido raptadas. Ele pensou que talvez estavam na outra machamba. Quando estava ainda a perseguir as mulheres, Ele só ouviu atrás: Pára. E ele não teve outra alternativa. Parou. O inimigo pegou no homem e foi com ele. E perguntou, como é que estava organizado o quartel de Ntemangau? Ele disse que o quartel de Ntemangau está perfeitamente organizado e temos um efectivo capaz em que vocês com esse vosso efectivo nada podem fazer. O inimigo disse: ^{Não} podemos meter medo. A verdade é uma, nós queremos destruir Ntemangau. Estão a trazer cooperantes para aqui, para fazerem o quê? E assim que foi raptado o presidente da cooperativa Primeiro Congresso.

MT: Portanto foi ele que deu as informações mais precisas sobre a localização das pessoas, distribuição das pessoas nas casas, sobre a colocação dos efectivos militares ali dentro.

E: Bem nesta altura, como não temos outras informações de fora, só conhecemos a ele só, podemos dizer que foi ele que deu todas as informações precisas. Se não fosse ele, talvez o inimigo não iria localizar casa por casa onde vivia o nosso chefe. Teria sido difícil. Mas como ele dirigiu foi fácil para o inimigo fazer a sua manobra.

MT: Quantos homens, bandidos estavam a fazer o ataque mais ou menos?

E: Aproximadamente cem homens. Não havia civis. Estavam todos eles armados. Os únicos civis só eram esse Presidente da cooperativa, Primeiro Congresso, um velho cujo filho trabalha no sub-projecto aqui em Tete. É um ~~instrutor~~ instrutor e as duas senhoras que são as esposas desse presidente da coop. Primeiro Congresso.

.../

MT: Vinham com os bandidos eles?

E: Sim vinham com os bandidos. E quando chegaram depois daquela posição avançada do centro então vieram em direcção e a posição ficou um pouco atrás e há um riacho para quem vai a Caomba. Entraram naquela mata. Ali o inimigo fez o jantar, dormiu lá, e no dia seguinte avançou para Caomba para ir à busca de uma arma que estava em casa de um senhor que era militar. Este fugiu e esqueceu-se da arma. Este indivíduo, o presidente, deu a informação de que em Caomba existe um indivíduo que tem arma mas de momento não está. Então eles iam à busca da arma, o que não foi possível. Quando chegaram quase à aldeia, já estavam atrasados e assim chegariam um pouco tarde em Ntemangau. Voltaram pelo caminho, já em direcção a Ntemangau. Pelo caminho já andavam a bater este homem dizendo que ~~o~~ tinham que chegar cedo e se chegassem um pouco tarde o haviam de fuzilar. Quando começaram a formar o desdobramento, aquele homem ficou para trás guardado por quatro homens. Como ele estava a dar informações, não podia estar muito longe, tinha que estar perto daqueles homens. E assim quando começaram a atacar ele aproveitou também a fugir.

MT: Além do falecido Castro, há mais vítimas do ataque?

E: Bem, no Centro só o falecido e a sua esposa que foi atingida, e a criança do Director do Centro. Que levou um raspão na cabeça. Mas eu acho que isso é ligeiro. Quando o inimigo estava a recuar, a população de Caomba tem aquele hábito, pois quando o inimigo atacou em 1982 atacou ~~aquele~~ aquele centro, então eles perseguiram atrás do inimigo para apanhar os bens que iam ficando para trás, roupas e outras coisas que vão ficando pelo caminho. Um velho, coitado, foi pisar uma mina.

MT: Os bandidos minaram quando se estavam a retirar, é?

E: Bem, não minaram. Só minaram quando queriam descansar. Queriam talvez conferir o que tinham levado ou as pessoas feridas do lado deles, e os mortos e tinham que minar para garantir também a defesa, e aquilo era a sentinela deles. E este velho pisou a mina e morreu. E os bandidos fugiram.

.../

MT: Entre os bandidos não há feridos, vocês não sabem?

E: Bem, é difícil dizer se houve ferimentos ou mortes na parte dos bandidos. Mas a verdade é uma, donde eles saíram, todo o capim estava cheio de sangue. Este é o sinal de que eles apanharam, foram feridos. Mas como eles sempre têm uma tradição: Não deixam nem sequer um ferido nem cadáver. Carregam tudo. Pelo que é-nos difícil dizer que apanhamos um cadáver ou um ferido.

MT: Há uma coisa que eu não entendo muito bem. O efectivo militar estava preparado. Estavam avisados, estavam de prevenção; deslocaram pessoas para fazer uma patrulha. Porque é que os militares não reagiram? Vocês já falaram com os militares? Com os soldados?

E: Bem, não fomos nós a programar este mini-encontro entre os militares e nós no centro. Foram os próprios militares que tiveram a iniciativa de falarem conosco. Porque aquilo para mim, foi uma grande vergonha. O próprio Chefe do Estado Maior, disse-nos que se não fosse uma desorganização nossa na parte militar, o inimigo não ia invadir isto. Mas invadiu porque eles não estão perfeitamente organizados. E os soldados que lá existem todos eles não têm nenhuma experiência de guerra. Por esta razão por mais que estejam organizados, por mais que o comandante tente fazer tudo, é difícil porque alguém sem nenhuma experiência do serviço que faz, nada pode fazer. Quando muito é estragar. Como fizeram, deixaram o inimigo ^{estragar} Estragou os bens. O Centro.

MT: Além da casa do Castro e da casa do Director do Centro, tinham o objectivo de atacar outras casas ou não?

E: Eles tinham como plano, desses três grupos o outro grupo avançava em direcção à casa do Director com o plano de capturar ou assassinar o Director do Centro. O grupo que avançava em direcção à casa do Castro, alcançou o seu objectivo. O grupo que avançava em direcção ao Comando, era para mais tarde fazer o desdobramento e atacara casa onde viviam cooperantes. Esta casa, mesmo na parede, estão sinais de furos de balas. Eles quando lá chegaram não apanharam se quer uma pessoa. Todas as casas têm furos de balas, pois desta vez só queriam matar, não queriam mais outra coisa.

.../

MT: E outras casas do Centro, eles foram ao armazém, foram à messe por exemplo ou não?

E: Bem, nos armazéns não. O armazém do Centro não mexeram. O armazém da União não entraram. Só foram à messe. E o que levaram na messe foram as loiças. Carregaram tudo. Neste momento não temos nada. Só temos dois pratos plásticos e dois copos plásticos. O resto o inimigo carregou. Carregou duas panelas uma de dez litros e outra de vinte litros. E assim ficámos sem nada. Não temos outros meios.

MT: Dentro das casas também roubaram as coisas que estavam lá, ou o que é que fizeram?

E: Bem, isso não falta. Em quase todas as casas roubaram loiças, roupas, mantas. Neste momento chega-se ao centro e as pessoas dormem assim mesmo. Não temos roupa, não temos mantas. Se vê alguém com umas calças, é talvez porque essa pessoa tinha uma sua mala fora do centro. Roubaram tudo o que existia nas casas. Com a excepção de sofás, mesas, aparadores. Isso deixaram. A maior parte das coisas, talheres etc. carregaram os bandidos.

MT: Que armas é que os bandidos traziam?

E: Bem, os bandidos traziam: Morteiro 60, Bazookas, Peça e AKM, essas metralhadoras e PAPAXÁ - trata-se de uma arma que não sei bem distinguir, mas chama-se PAPAXÁ. Porque essas armas é difícil alguém distinguir. Mas com os tiros é possível distinguir as armas. Como eu estava na machamba, vi tudo, o morteiro que dispararam e até agora há um ^{morteiro} ~~que~~ que não explodiu, que se encontra na secretaria. Está lá até hoje. Obuses andaram a cortar as árvores ali.

MT: O Posto de Saúde também foi saqueado?

E: O Posto de Saúde ficou sem nada. Nem comprimido nem ligadura. Carregaram tudo o que lá existia. Deixaram apenas camas sem mantas nem lençóis. Carregaram tudo.

MT: A Escola foi atingida?

E: Na escola quase nada levaram. Não existe nada que lhes interesse. Só lá há carteiras, o que não podiam carregar.

.../

MT: As crianças ainda não tinham vindo para a escola?

E: Não ainda era muito cedo. Cinco e dezoito era muito cedo. Sim o inimigo quando chegou a Nachinanga, apanhou umas certas pessoas a quem disse: "Nós vamos a Ntemangau". Ntemangau quer transformar esta zona toda numa vila. E certamente que quem afirma dessa forma não está satisfeito com o desenvolvimento. Eles queriam impedir o nosso desenvolvimento. E que de certeza, já estamos em ponto de interrogação, como é que podemos trabalhar? O inimigo informou que iria destruir os planos que o centro tem para o desenvolvimento da localidade.

MT: Isto quer dizer que eles sabiam que havia gente a trabalhar num projecto de Desenvolvimento Rural em Ntemangau.?

E: Isto não falta. Quando chegaram os cooperantes, muita gente passava por ali. MT: Não eram só cooperantes. E: Quando os moçambicanos, *chegaram*, aquela equipa do desenvolvimento rural, nós fizemos uma reunião ali no centro. Com secretários, membros do Partido e outras pessoas que participaram. Dentro dessas pessoas não são todos aqueles que conhecemos o que cada um pensa. E ao contrário, esse que deu as informações estava lá presente, como membro do Partido e presidente da cooperativa agrícola. Esse também estava lá presente. E então quando foi raptado pelo inimigo foi-lhe fácil detalhar aquilo que nós pretendemos fazer na localidade de Ntemangau.

MT: Mas isto quer dizer que os bandidos não sendo ali da zona, já tinham mesmo assim informação?

E: Creio que sim. Já tinham informação. Informação de que em Ntemangau existe este tipo de programa: "Desenvolvimento Rural". Já tinham essas informações.

MT: No primeiro dia da nossa reunião de apresentação, esse presidente da cooperativa estava ou não estava, ou só veio no segundo e no terceiro dia?

E: No primeiro dia ele não estava presente. Só veio no segundo e terceiro dias. Aí ele estava presente. No primeiro dia eles não tiveram conhecimento, não tinham sido convocados. Só no segundo dia é que foram convocados e então estavam lá conosco. Trabalharam conosco. Até ao último dia.

.../

MT: Agora há uma pergunta que eu queria fazer, Mandito, durante 20 dias que nós estivemos a trabalhar em Ntemangau e visitámos as

aldeias, visitámos as casas das pessoas, como Capimbi, como Ntemangau-*Sede*. Porque é que vocês não falaram connosco, não nos deram a informação que vocês têm agora. Depois de este acontecimento todo quando eu estive a discutir aqui em Tete com Kurt, com a Mytbell e com o Hassan, eles levantaram o problema que em 1983, tinham problemas com a alfabetização e Educação de Adultos. Tanto os alfabetizadores como os técnicos, do projecto tinham receio de trabalhar em Caomba porque eles não conheciam as pessoas e tinham medo que houvesse infiltração. Mas só agora é que nós estamos a ter essa informação, enquanto nós estivemos lá ninguém nos deu essa informação, porque é que será oh Mandito, vocês que conhecem e que já lá trabalham há mais tempo?

MANDITO: Bem, eu não posso mentir. Vou dizer aquilo que conheço. Eu estou em Ntemangau desde o dia 18 de Junho do ano passado, 1984, assim como o falecido. Eu não podia dizer aquilo que não tenho provas concretas. Eu só pude acompanhar quando tivemos uma reunião com o presidente da localidade de Ntemangau, Amade *Faidone*. Ele disse assim: Nós aqui, aqui na localidade desconfiamos de uma aldeia que é Caomba, essa gente não aceita fazer qualquer tipo de trabalho que o presidente diz. Tudo aquilo que o presidente diz para fazerem recusam-se redondamente. Dizem: Não queremos. "Se tu queres fazer isto que o faças sozinho com o teu povo de Capimbi, ou o povo de Nachinanga, mas nós não." Ora, dali, eu comecei a suspeitar. Bem, deixei passar. Quando recebi o óleo da cozinha para as cooperativas, (MT: Quando é que isso foi?) Isso foi em Janeiro deste ano, de 1985. Eu e o falecido fizemos a distribuição de óleo em todas as cooperativas que cumpriram com o plano, o plano agrícola. Portanto, existiu lá uma cooperativa que não cumpriu com o plano, esta o Primeiro Congresso. Eles não receberam o óleo. Vieram ter comigo e disseram:

Chefe, porque é que nós não somos contemplados no óleo?

Eu disse: Nós damos a quem cumpriu com o plano agrícola - campanha 84/85. Se esta pessoa não cumpriu com aquilo que escreveu no papel, então não dou. Eu não sou do Comércio Interno. Mas sim dou aos membros das cooperativas como um estímulo do trabalho. Ele não disse mais nada, voltou.

.../

Três dias depois, mandou uma comitiva. Vieram ter comigo. "Problema de Óleo, até aqui não resolveram?"

Eu disse: Olhem, como eu recebi outro óleo e existem algumas cooperativas que ainda não receberam, aquelas que não cumpriram com o plano, ainda vou fazer de novo o plano da distribuição para essas cooperativas que não cumpriram com o plano.

Está Bem. (disseram eles). Não há problemas.

Logo foi quando estava a chegar a equipa do UNICEF. Com aquele trabalho dos inquéritos eu já não pude fazer a distribuição. Quando estava lá a equipa do UNICEF, recebi bicicletas. Seis bicicletas. Dei quatro bicicletas às quatro cooperativas de Capimbi. Dei uma bicicleta à cooperativa Ntemangau. Então uma bicicleta era para a Cooperativa Unidade em Caomba. Esta Cooperativa cumpriu com o Plano. Veio a Cooperativa Primeiro Congresso:

Porque é que nós não fomos contemplados? Nós também queremos bicicletas, porque nós também temos o direito como cooperativistas.

Eu disse: Amigos, se eu vendo a bicicleta a esta Cooperativa, é porque é a única na aldeia de Caomba que cumpriu com o Plano. Vou levar uma coisa e vou estimular a pessoa que não trabalha? E deixar quem faz o trabalho? Também assim não posso fazer isto, já estou a comprometer-me. Estou a transgredir o princípio ^{do estatuto} das cooperativas agrícolas.

Dali foram-se embora. E talvez ele ficou ofendido. Não foi contemplado no óleo, bicicletas não comprou, então de certeza viu uma necessidade de dar todas as informações ao inimigo. Daquele povo, eu a partir dali comecei a desconfiar. E outra pessoa de Caomba veio-me dizer:

"somos todos amigos, somos todos irmãos como Moçambicanos, mas digo-te uma coisa, em Caomba, por mais ^{que} toda a gente ria e converse contigo, deves ter muito cuidado. Aquele povo ali!"... Ele disse: eu sou natural de Caomba. Nasci lá, cresci lá, estudei lá. Conheço perfeitamente o defeito do meu povo. Por essa razão, como você é de longe, é bom que tenha cuidado". "Se não vai cair na asneira." A partir daí nunca mais lá pus os pés, a não ser naquele dia que fui com a Dna. Gunilla fazer os inquéritos. Só. Eu não punha os pés em Caomba.

.../

MT: Fazer as entrevistas da aldeia, é?

MANOITO: Naquele dia que iam ter uma reunião. Eu e a Dna. Lourdes fomos fazer inquéritos das mães. Foi no segundo dia. Mas para nós era o primeiro dia. Foi só naquele dia que eu pus os pés neste ano em Caomba. Porque desde que eu comecei a desconfiar, eu não podia andar sozinho, porque já me prometiam porrada, prometiam amarrar-me. Então eu fiquei já com medo, eu não podia circular naquela aldeia.

MT: Mas vocês nunca nos deram essa informação! Mesmo nas entrevistas que nós fizemos com os técnicos, mesmo com o Director Castro, nunca nós conseguimos compreender que esses problemas existiam. Vocês nunca nos revelaram essas contradições que havia. Porque é que vocês nunca nos deram essa informação?

MANOITO: Bem, quanto a mim e ao Castro, não estou a tentar defender. O Castro não tinha informações concretas. Só ouvia zum-zum das pessoas. O que ouvir dizer não se escreve. Ele podia dar essas informações e que talvez poderiam ser informações falsas e mais tarde podia entrar-se em contradições com aquele povo, com aquela população. Talvez é por esta razão que ele não pôde explicar, que ela não pôde dar este tipo de informação.

Quanto à minha parte, nunca me perguntaram essas questões. Eu pensando que talvez as pessoas, os técnicos que estavam lá já teriam dado as informações. Calei-me. Também ninguém me perguntou por isso, também não preocupei, pensando que talvez já tinham informações sobre isso. É por essa razão que eu não cheguei de dar esse tipo de informação. Que nós desconfiamos do povo de Caomba.

MT: Bom, agora mudando de assunto, para voltar ao pessoal, às pessoas do projecto, do Centro de Desenvolvimento Rural, qual é a vossa disposição, como é que vocês se sentem agora, o que é que pensam que se deve fazer, como é que as coisas podem avançar? É possível continuarem a trabalhar, vocês querem continuar a trabalhar, o que é que vocês acham?

.../

MANCITO: Bem, da nossa parte, há uma tradição que diz: bem, nós estamos prontos a desenvolver o nosso país desde o momento que nos garantam a segurança. Porque só nós estarmos sempre a perder os nossos bens, não ficamos satisfeitos. Agora, hoje, ficámos sem sapatos, sem calças, sem mantas. Isto para nós é um prejuízo. Onde é que vamos arranjar calçado hoje em dia? Onde é que vamos arranjar calças hoje em dia? É um problema sério. Se o Governo nos garante a segurança, nós estamos aptos a fazer tudo o que eles querem que nós façamos. Estamos prontos, não temos problemas. Assim como os demais que estão lá.

MT: Ok. Obrigado.

GUNILLA: No último dia, era Quinta-Feira quando nós saímos, o Técnico ^{Djeque} conversou comigo, quando estávamos sentados à beira do capim, e começou a contar-me coisas, mas depois ele parou. De repente eu vi na cara dele que esse era um assunto de que ele não queria falar mais, ele começou a dizer que com a aldeia de Caomba tinham problemas administrativos, problemas lá dentro. Ele parou não disse mais nada. Eu não continuei, eu não quis dizer mais nada. Mas vi que era uma coisa especial. Entretanto estávamos prontos para voltar para Ntemangau, estávamos com pressa, era Meio-dia já.

IDENTIFICAÇÃO DO DECLARANTE (ENTREVISTADO):

Nome: Mancito Manuel Sachelele

Nr. do BI: 27 85 88

Natural de Inhambane

Estou aqui na Província de Tete na Direcção de Sub-projectos de Desenvolvimento Cooperativo como Técnico Apicultor e Técnico da União das Cooperativas no Distrito de Changara.

SEGUE-SE UMA DECLARAÇÃO PELO GOVERNADOR PROVINCIAL DE TETE, FEITA NA PRESENÇA DE NIGEL FISHER E GIOVANNA VISINI DO UNICEF, NO GABINETE DO GOVERNADOR, NA CIDADE DE TETE, NO DIA 13 DE ABRIL DE 1985.

Depois das averiguações que foram feitas é que realmente houve dois factores que se consideraram para que isto acontecesse.

O primeiro, depois de ter sido aprovado o Plano de protecção ao Centro de Ntemangau, àquela localidade, houve demora na aplicação do Plano. Uma certa disposição, um determinado número de militares que estava previsto para estar na zona, não chegou nas datas previstas e em número de soldados previstos que devia proteger a zona. Factores ~~desta natureza~~ disto, depois de ter acontecido, aparecem justificações que são colocadas na questão de demora de meios de transporte, ou porque houve falta de combustível, depois uma avaria. No fundo disso tudo, é que as pessoas que deviam estar à frente da Direcção de todo esse processo não foram rápidas ~~quanto~~ quanto se pretendia. Isto então deu tempo a que o plano do bandido fosse primeiro antes de nós estarmos lá organizados. Mas o que foi mais decisivo, foi a traição. E daí o elemento que esteve com o grupo e conduziu já foi apanhado pelas nossas forças e confessou. E um miliciano que esteve lá na zona, e este miliciano, segundo diz ele, ~~teria~~ teriam-lhe chegado informações de que a sua esposa tinha sido raptada pelos bandos armados. Foi para o povoado a fim de ir confirmar e tentar localizar a esposa. Ele também é apanhado por esse grupo, e ele disse que foi torturado, naturalmente não podia dizer outra coisa. Foi torturado e obrigado a conduzir o grupo para Ntemangau. Naturalmente, para uma pessoa que conhece, que é miliciano da zona, conhece as posições das nossas forças, sabia tudo isto de onde estava o efectivo, em que posição, foi muito fácil conduzir o grupo. As nossas forças, naturalmente, o ataque foi de tal forma que, foi de dentro para fora. Bom, ficaram surpreendidos. Quer dizer um efectivo militar que está a ter uma certa disposição para defender um determinado objecto e o fogo de ataque parte de dentro do objecto que está a defender, criou imediatamente uma desorganização de como reagir ao fogo. Porque caso contrário tinham dois riscos:

1 - Era entre eles. Dispararem-se entre eles.

2 - Se disparassem para dentro, era a população que seria alvo também.

..../

Já estavam dentro. O bandido conseguiu ser conduzido de tal forma que entrou dentro ~~na zona~~ pelo que foram directamente conduzidos à casa do Castro. E assim tornava-se difícil a reacção do povo e das nossas forças. Alguns optaram por recuar para fazer o cerco numa área grande. Mas porque estavam a ser conduzidos por uma pessoa que conhece a zona, foi fácil também para eles poderem sair da zona. Após isso claro que se fez-se um trabalho de penteamento como se diz militarmente. Os bandidos provinham do sul, do Distrito de Tambara e tinham um certo acampamento na área.

Acabou de regressar mesmo ontem o Tenente Coronel Manjate e grande parte deste grupo já foi detectado e foi neutralizado antes de ontem de madrugada. Eram 53 dentre os quais doze foram apanhados ainda vivos. Houve uma boa reacção da parte das nossas forças. O General Fumo chegou ontem, Comandante Militar Provincial, esta manhã mesmo estive a falar com ele ao telefone e está a reorganizar todo o plano de operação militar aqui da zona.

É nossa opinião, é nossa análise e é nossa determinação que o projecto deve continuar e o projecto será protegido como deve ser. Bom, não vou dizer que não vamos ser traídos de novo, mas há uma experiência de que afinal isto pode acontecer. Há uma série de medidas que vão ser tomadas e que já iniciámos a tomada das medidas e estas medidas, pensamos que vão garantir o melhoramento da segurança do projecto.

A partir de ontem já se pôde ir à zona, já antes se podia ir, mas ontem recebemos uma informação de que quem quizer ir para a zona já pode ir. O que é, nós temos uma nova forma de tentarmos ver qual deverá ser a participação de técnicos estrangeiros no projecto. É que em vez de construirmos a base da sua fixação em Ntemangau, passa a ser aqui em Tete. E dentro do cronograma de acções a desenvolver, eles deslocam-se periodicamente para ir controlar a execução e deixar orientações de como o projecto deve-se realizar. Assim, pensamos que corremos menos riscos já dentro das medidas que ao nível dos nossos órgãos centrais nos têm recomendado quanto ao modo de trabalhar com técnicos estrangeiros. Nós diríamos que com o excesso de confiança e na certeza de que tínhamos a defesa, sub-estimámos isto e colocámos os técnicos lá.

..../

Portanto, com este método podemos fazer avançar o projecto. Este elemento que trahu está a ser reclamado pela população de Ntemangau. Querem que ele vá para lá. Naturalmente que nós sabemos o que lhe vai acontecer, se o mandarmos para lá. Por isso ele está aqui connosco. O interesse, quer dizer, a pré-disposição da população ainda continua viva e até lamentam isto ter acontecido. A pré-disposição é a mesma. O entusiasmo pelo projecto é o mesmo. Mas lamentam duas coisas que realmente aconteceram: o caso do Castro, que era o cérebro do projecto e em quem eles confiavam imenso. Lamentam-se muito. Agora a preocupação está em nós fazermos substituir o Castro, o que não vai ser fácil.

Está uma interrogação de se saber se o projecto vai continuar depois de isto ter acontecido; Claro, nós ainda não mandámos dizer nada. Mas já está a sentir-se esta preocupação. "Agora, quer dizer, com isto já tudo desapareceu no projecto?" Não mandámos dizer nada e achamos que talvez não ficasse bem nós mandarmos dizer algo. Pensamos que quando fôr o primeiro grupo do UNICEF, da nossa parte, nessa altura poderia analisar-se a situação local e depois garantir-se que o projecto vai continuar depois desse ataque à área do projecto.

Eu sinto que não só as medidas que vamos tomar vão contribuir para isto, mas também vai servir de alerta para toda a população. Penso que eles vão ser muito mais vigilantes.

O que é que vamos tomar como medidas? Já estamos organizados de modo a que a própria população saiba para onde recorrer quando há qualquer tipo de informação de infiltração na zona. Mas era isto de uma forma geral, que eu queria informar, sobre o que aconteceu.

PNF: Obrigado, Excelência....